



OS GESTOS DO ENSAÍSTA

Magali Lopes Endruweit¹

Antônio Marcos Vieira Sanseverino²

Na carta a Popper que abre *A alma e as formas* (2017), o jovem György Lukács define o **ensaio** como uma forma literária que não busca a verdade absoluta nem a objetividade científica, mas a verdade situada na relação singular entre vida e forma. O ensaio, para ele, não é mero ornamento ou divulgação, mas uma criação estética autônoma: uma tentativa, sempre inacabada, de dar forma a uma experiência existencial, estabelecendo uma ponte entre filosofia e arte. Em vez de oferecer sistemas fechados, o ensaio explora tensões, contradições e possibilidades, mantendo-se fiel à precariedade e à abertura próprias da vida.

Adorno, em *O ensaio como forma* (1986), recusa justamente essa pretensão a uma totalidade espiritual ou conciliadora. Para ele, o ensaio deve assumir sua **condição fragmentária, crítica e provisória**, sem se orientar por um *telos* de unidade. O ensaio não é um caminho rumo à verdade ou totalidade, mas um movimento experimental, que pensa por constelações, aproximações e deslocamentos. Adorno defende a **negatividade** do ensaio: ele é antissistemático, não pretende resolver contradições, mas mantê-las em tensão. Adorno enfatiza, então, o ensaio como resistência à síntese, como crítica e abertura permanente, recusando até mesmo horizonte de conciliação da expressão estética.

No presente volume, encontramos a inquietude própria do ensaísta que busca novas formas, seja quando vai para o lado da construção mais estética, seja quando se volta para refletir sobre a realidade social. Nos dois casos, a escrita não elide a presença do sujeito, nem propõe a escrita enquanto reprodução objetiva do andamento da realidade. O sujeito se afirma na escrita. Deixa visíveis seus rastros e se mostra nos seus gestos reflexivos.

Em “**O ensaio como gesto discursivo no pensamento de Eni Orlandi**”, Mariana Garcia de Castro Alves define o ensaio no gesto discursivo, enquanto lugar de tensão entre história, ideologia e língua. De certo modo, o significado do ensaio não pode ser reduzido ao que está dito, mas deve ser construído levando em conta o modo de dizer. Quando falamos do gesto, para tomarmos de empréstimo a reflexão de Walter Benjamin sobre o teatro épico de

¹ Doutora em Letras – Estudos da Linguagem, professora associada do departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

² Doutor em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, professor titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Brecht, estamos falando da interrupção do fluxo das ações. Ali se concentram tensões sociais, visíveis apenas nesta quebra de continuidade. Talvez possamos encontrar aí a força de sua resistência ao enquadramento das classificações rígidas, mas não se pode perder de vista esta dimensão dramática, em que o sujeito se faz presente no texto pelo gesto.

Em Elisandro Rodrigues, **“Palavras inacabadas: habitar a pesquisa com Marília Garcia, Elida Tessler e Georges Didi-Huberman”**, encontramos duas imagens que nos ajudam a compreender a natureza do ensaio. O sujeito percorre a cidade, encontra pessoas, libera seu olhar para a realidade e deixa seu pensamento fluir. Ao mudar pequenas coisas, a reescrita passa a ser o gesto próprio do ensaísta. E, como se observa no andamento do ensaio, em sua leva, a escrita incorpora ao movimento do pensando, os gestos do *flâneur* que se perde na cidade e se permite um olhar mais livre.

Este percurso, que cruza a narrativa e a reflexão, pode ser o caminho da construção do conhecimento na academia? Flávia D. Roldão e Araci A. Da Luz, em **“É possível construir uma carreira acadêmica ancorada na produção de ensaios na área da educação?”**, defendem que o ensaio pode servir de método, como narrativa do conhecimento. Talvez possamos relembra Theodor Adorno, em “O ensaio como forma”. Ao se voltar contra o imediato, o ensaísta descobre mediações cristalizadas, endurecidas pela ideologia dominante, que, expostas, produzem um conhecimento do mundo para além do óbvio.

Ainda olhando para publicações do gênero ensaio-acadêmico, em **“Um gênero clandestino: as condições de produção de ensaios em periódicos das áreas de Linguística e Literatura”**, Maria Clara Monteiro e Regina Pereira buscam analisar as condições de produção de ensaios publicados em periódicos nas áreas de Linguística e Literatura, defendendo a tese de que o ensaio circula, metaforicamente, em clandestinidade, e evoca, portanto, discussões acerca da – ausência de – validação do gênero na esfera acadêmico-científica.

Como nos mostra Larissa Bandeira, Mariana Soares e João E. dos Santos Filho em **“Entre o finito e o infinito: o ensaio como invenção do pensamento”**, o ensaio é uma escrita que resiste à afirmação do óbvio. E, assim, se traduz potencialmente como um gesto ético e político. Em tempos de fanatismo, em que a sombra do fascismo cobre nossa época, ou em tempos de saídas tecnocráticas, a valorização da dúvida e da hesitação se mostra como um percurso necessário.

Cristiano Bedin da Costa traz uma contribuição importante para se pensar a forma do ensaio em **“Escrever inícios: um ensaio acadêmico”**. De certo modo, ao definir um começo, o ensaísta define também uma quebra no fluxo contínuo do real. De certo modo, dialoga com Walter Benjamin.

À historiografia materialista subjaz, por sua vez, um princípio construtivo. **Ao pensar pertence não só o movimento dos pensamentos**, mas também a sua imobilização (Stillstellung). **Onde o pensamento se detém repentinamente numa constelação saturada de tensões**, ele confere à mesma **um choque através do qual ele se cristaliza como mônada**. (2015, grifos nossos).

A força do pensamento está na dialética entre o fluxo e a interrupção. Quando o pensamento se detém, “numa constelação saturada de tensões”, abre uma novo começo, uma possibilidade de uma outra ordem reflexiva, que contraria a ordem estabelecida. A partir daí deriva uma desmanda de um princípio construtivo, de montagem e de citação, que se encontra eco no ensaio de Bedin.

Reafirme-se, então, que a força reflexiva do ensaio está nesta dialética entre movimento e interrupção.

Quando o romance interrompe a narrativa, quando a história é destecida, há uma abertura para a reflexão ensaística. Priscila Maduro, em **“Eu possível: subjetividade ensaística na autoficção de *A resistência*”**, mostra como o narrador de *A resistência*, de Julian Fucks, se constrói pelo movimento reflexivo próprio do gesto do ensaísta que tateia a linguagem e o mundo, que se constrói como sujeito na precariedade.

O ensaio pode ser um instrumento para analisar a formação histórica brasileira. Assim, Homero Vizeu Araújo mostra o quanto a interpretação de **“Raimundo Faoro ensaísta”**, em *Os donos do poder*, está ligada ao gesto do ensaísta. Homero nos mostra como Faoro uniu a sensibilidade literária e o conhecimento social para interpretar o Brasil e mostrar as especificidades de sua formação.

Por fim, reforçamos que o presente número da Revista Conexão Letras – Contribuições do ensaísmo – busca trazer à luz uma discussão essencial para pensar o conhecimento nos dias de hoje: o que deixamos de dizer quando evitamos escrever ensaios como um gênero divulgador do conhecimento. A que se deve o entendimento que o ensaio não pode ser avaliado como qualquer outro gênero dentro da academia? Certamente estamos tratando de diferentes concepções de ciência e, quem sabe, talvez de algum preconceito também. No entanto, desde que Montaigne cunhou a célebre frase “eu sou a matéria do meu próprio livro”, esse gênero vem se insinuando pelas frestas como uma escrita da tentativa, uma escrita que

carrega em si o próprio da vida e suas incertezas; um texto, portanto, carregado de dúvidas. E se o mundo de hoje valoriza tanto as certezas, almejamos que essas reflexões possam ousar ensaiar, como um respiro para os espíritos livres e inovadores.

Referências

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. *In*: COHN, Gabriel (Org.). *Theodor W. Adorno: sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo editorial, 2015.

LUKÁCS, Georg. *A alma e as formas: ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.